

100%

A perfeição, a realização de 100% de qualquer coisa, são fenômenos incompatíveis com o mundo material, são abstrações, pois não existe completude no mundo fenomênico, da mesma forma que nada é puro e ninguém é completamente bom ou mal. Na verdade, quanto a última afirmação, vale destacar que para Nietzsche, o bem e o mal, são preconceitos de Deus, mas isso é assunto para outro tópico.

As ciências teóricas, sejam exatas como a Matemática ou sociais como o Direito, são os únicos locais do Universo onde essas ficções encontram guarita. Falo de cátedra, pois possuo formação nas duas áreas que citei como exemplos. No caso daquela, a exatidão em sua forma perfeita só existe no campo conceitual, porquanto no plano concreto convivemos com as aproximações e com as ciências estatísticas, que alguns consideram a matemática da realidade. Neste ponto cabe um pequeno aparte, pois a despeito dessa consideração, sobretudo em pesquisas de opinião, a estatística também poderia ser descrita como um método altamente lógico e preciso de dizer uma meia verdade incorretamente. Contudo, em que pese o fato de uma meia verdade ser uma mentira inteira, uma vez mais, essa é matéria para outro artigo. No caso das ciências sociais, o certo e o errado, o preto e o branco, o quadrado e o redondo; e outros binômios como esses, são meras definições cujas dissemelhanças são mais abstratas do que poderíamos imaginar. Até mesmo a Justiça é, em muitos casos, uma verdade ficta, uma ficção jurídica. No esteio da Justiça encontramos a lei, que não se propõe a ser utilizada para buscar necessariamente o que é justo, pois o que o direito objetiva, de forma precípua, é a pacificação dos conflitos, é dar uma solução às lides, solução esta preferencialmente, mas não necessariamente justa. A descrição de lide, por sua vez, na seara das Ciências Jurídicas, é a de um conflito de interesses intersubjetivos qualificados por uma ou mais pretensões resistidas ou insatisfeitas. Em última análise, esse é o objetivo do Direito, dirimir conflitos de forma justa ou não.

Ainda quanto à totalidade, também a saúde perfeita é uma utopia, a homeostase, que é definida como o estado hígido puro,

é uma ilusão. Quando alguém recebe a notícia de seu médico que sua saúde é imaculada, está se deparando com uma figura linguística (a hipérbole), pois ainda que tenha passado por uma bateria de milhares de exames, seguramente sua condição não terá sido suficientemente testada para utilizar tal expressão de forma denotativa. Pensando como matemático, no universo probabilístico que descreve a saúde, temos um evento que seria a quimérica perfeição e trilhões de outros que corresponderiam a problemas sistêmicos ou, potencialmente, em cada uma das células que fazem parte do corpo humano, todos equiprováveis. Considerando a infinitesimal probabilidade do evento "saúde perfeita" ocorrer, podemos estabelecer sua quase impossibilidade fora do campo teórico ou do acadêmico. Seguindo essa linha, uma corrente que cresce no setor médico, em todo o mundo, conhecida como "menos é mais", preconiza que o paciente estar doente não é causa suficiente para que este tenha que ser tratado. Existem casos até de câncer em que essa corrente de pensamento médico prescreve apenas o acompanhamento, já que muitas vezes um estado que pode permanecer inalterado por anos, ao ser "tratado", reage de forma adversa tornando-se ativo. Também na área cardíaca, muitos acreditam que mesmo problemas coronários não devam ser tratados em pacientes assintomáticos, uma vez que, embora não haja garantias quanto a ocorrência de um potencial ataque fulminante, estudos tem demonstrado que operações não diminuem a probabilidade da ocorrência de um sinistro. Dessa forma, se um tratamento não incrementa a qualidade ou o tempo de vida de um paciente, este não deve ser seguido, ou, pelo menos deve ser discutido com franqueza com o enfermo.

Cumpre-se frisar também que, em nosso ambiente, não existe "é", mas apenas "está". Embora na maioria dos idiomas isso não seja tão claro, o verbo que descreve situações da vida real é o "estar", e não o "ser". Não é possível conceber situação perene, uma vez que a realidade é cambiante, dessa forma, ainda que fosse possível alguém apresentar um evento irreprovável em qualquer área, sua manutenção seria outra impossibilidade. Nem a morte deve ser considerada um evento estático, dado que até a definição de vida está sujeita à mudança.

A verdade absoluta sobre qualquer assunto, de forma idêntica, não se constitui em material para o mundo real. Neste não existe, literalmente, um metro igual a outro, tudo depende do nível de acuidade que se deseja empregar ao realizar a

aferição. Mesmo que fosse preciso recorrer ao mundo subatômico ou à escala do infinitésimo, não seria possível evitar a detecção de imprecisões. De forma análoga, a certeza absoluta, reside no campo do etéreo, do imaginário, visto que mesmo testemunhando algum evento, não podemos acreditar nele com a chamada certeza, que por razão análoga, também é passível de ter sua essência questionada. Existem inúmeros fenômenos que podem lançar dúvidas aquilo que se apreende por intermédio dos sentidos. No caso da visão, especificamente, temos a possibilidade da ocorrência de ilusões de ótica, erros de percepção e incontáveis outros episódios que podem distorcê-la. Dentre estes existe um fenômeno psicológico conhecido como pareidolia que explica como seres humanos reconhecem rostos em nuvens e manchas, bem como, palavras ou frases pronunciadas em ruídos sem significado. Outro exemplo na área médica, é a palinopsia, que é a persistência de uma imagem após o estímulo visual acontecer, aparecendo posteriormente a esse estímulo e com as mesmas características da imagem formada no início. Nesse contexto já foram relatados casos em que pacientes percebem a realidade em câmera lenta, do modo em que foi retratado no filme Matrix, assim como, captam em suas mentes imagens de pessoas deixando recintos dos quais já haviam saído há algum tempo. Essa condição possui diferentes causas, sendo, no último exemplo descrito, o mais comum causado por um glioblastoma multiforme afetando diferentes regiões do cérebro.

Nessa matéria é necessário assumir nossas imanentes limitações e as do meio em que vivemos, uma vez que não somos criaturas perfeitas como muitos poetas tentam nos retratar e também nosso Universo não possui como característica tamanha plenitude. Temos que entender que a perfeição recai sobre o campo do divino e não do terreno, porque neste não existe a realização completa, o percentual absoluto, enfim, os 100%. Apesar disso, não sustento a tese de que devamos abandonar a busca por nosso acme, mas sim entendê-lo da forma pela qual ele se apresenta, como um caminho a ser percorrido e não um destino final a ser alcançado, visto que como tal este é inexequível.